

A relação entre as novas tecnologias e o corpo humano é hoje uma realidade banal no quotidiano. Mas no palco ainda há muito para fazer. Abordamos aqui alguns exemplos da proximidade entre a dança e a ciência **Texto de Claudia Galhós**

Arte e CIÊNCIA

Chama-se «starwatch» e, visto a olho nu, parece um simples relógio de pulso. Mas este pequeno objecto é um requintado sensor, o primeiro sem fios dedicado a captar o movimento humano com uma precisão espantosa, desenvolvido no Laboratório Minatec Ideas Laboratório, do CEA de Grenoble — a Autoridade Francesa de Energia Atómica. É este discreto aparelho, em fase experimental, com uma grande expectativa de aplicabilidade no futuro (ao nível da medicina ou da expansão dos adereços tecnológicos que nos invadem o quotidiano), que a bailarina e coreógrafa Annabelle Bonnéry pôde utilizar no seu estreado em Outubro passado em França. «Vi-

rus//Antivírus» é um solo que resulta de um programa exemplar: é o projecto de arranque do Atelier de Arte e Ciência, criado este ano em parceria entre o centro de arte Hexagone Scène Nationale de Meylan e o CEA de Grenoble.

Muito se tem feito no campo do cruzamento, incorporação ou mera integração das novas tecnologias no palco. Mas do que aqui se trata é de uma relação mais intensa, de encontro e troca efectiva entre arte e ciência, a partir da decisão organizativa de duas estruturas ligadas a estas áreas. Neste caso, tudo aconteceu graças a um empenho entusiasmado e estratégico de uma entidade científica e, em particular, do investigador Dominique David (do Laboratório Minatec Ideas, que se envolveu em todo o processo criativo e tecnológico des-



Annabelle Bonnéry, bailarina e coreógrafa em «Virus//Antivírus» e «Starwatch», captor de movimento a ser desenvolvido no Laboratório Minatec Ideas

te projecto), o primeiro a afirmar a importância da relação entre estes dois mundos.

«Temos tecnologia em todos os momentos da nossa vida, os telefones, os computadores... e há qualquer coisa política nisto, em que a tecnologia é mais fabricada para nos levar dinheiro ou para nos controlar, do que para nos dar expressividade. Para mim, é um formidável instrumento de expressão e é importante que possa ser percebido e visto enquanto tal.»

Foi mais nesse sentido o trabalho desenvolvido por Annabelle Bonnéry e a sua equipa artística (com a importante colaboração de François De-neulin, artista responsável pelo espaço cénico e pelo vídeo e também pela concretização deste projecto e a música do português Vítor Joaquim).

No início, a experimentação ficou circunscrita ao laboratório científico, porque não havia autorização para levar os sensores para fora daquele espaço. As pessoas passavam, no seu trabalho de pesquisa, e deparavam-se com a pequena equipa que ia testando potencialidades para os captores na relação entre o movimento e o som.

Hoje, o espectáculo transporta esta história particular, que desperta um interesse relevante sobre a relação entre a arte e a ciência. Mas o solo — que revela as qualidades mais delicadas, rigorosas e comoventes da composição e da interpretação de Annabelle Bonnéry — vale por si: pelos sentidos que sugere, pela densidade emocional que aquele corpo feminino expressa, nessa relação com os captores ou, numa segunda parte, pela vulnerabilidade do silêncio, no peso da solidão e do isolamento. A ideia com que iniciou os primeiros gestos, ainda antes dos captores — a intimidade, do corpo, a forma como enfrentamos a nossa imagem, o corpo da mulher, e a noção performativa da qualidade da presença/representação do corpo — foi-se tornando mais complexa, com a introdução desses elementos estranhos e, inicialmente, desconhecidos: o «starwatch».

Com o tempo, foram-se tornando familiares. No final, Annabelle descrevia-os como «uma extensão do meu corpo, que me permite estar conectada com o ambiente em redor, ao mesmo tempo estar completamente no interior de um ambiente que eu determino».

A lógica de funcionar do Laboratório Minatec Ideas, que está na origem deste programa, é relevante, segundo explicou Dominique. Diz ele que as tecnologias nos servem para as mais diversas funções — para telefonar, usar programas de computador, fazer música, pintar, etc. Mas muito há ainda por criar. O potencial está longe de se ter esgotado e muito do que se possa inventar tem de nascer da imaginação. Para terem idéias, decidiram trabalhar, no laboratório de tecnologia, com pessoas provenientes de outras áreas do saber, em que as artes são apenas uma delas. O Atelier Arte e Ciência é o desenvolvimento desse raciocínio.

Certo é que, visto em palco, a dimensão poética e sensível do movimento não perde de vista o lado humano, que se expressa para além de toda a tecnologia ou tecnicidade do corpo. Mas há muitas formas de explorar sentidos possíveis para este novo mundo, como o que propõe o olhar do músico Vítor Joaquim: «Um músico pode, com um captor destes, criar dentro do seu próprio corpo um sistema de um instrumento musical. O que Annabelle está a fazer não é dançar, ela está a tocar música. E isso é novo.» O espectáculo, mero desfecho de uma história muito mais ampla, chega a Lisboa, ao CCB, em Maio do próximo ano.

actual@expresso.pt